

QUESTÃO DE DESENVOLVIMENTO Modernização da Legislação Trabalhista

Assim como aconteceu nas primeiras discussões sobre as mudanças do Código Florestal, em 2003, a ABAG/RP chama para si a missão de unir o setor em busca das necessárias mudanças na legislação trabalhista brasileira, promovendo discussões e estudos sobre o tema. O desafio é estabelecer ações voltadas à modernização da legislação trabalhista para garantir as condições necessárias ao desenvolvimento do agronegócio.

O caminho é longo e o engajamento das diversas cadeias produtivas do agronegócio e de suas entidades de representação primordial. Algumas etapas já estão delineadas para o início dessa grande mobilização, como o diagnóstico da atual legislação trabalhista no Brasil, destacando os entraves que minam a previsibilidade, burocratizam e, conseqüentemente, tiram a competitividade do agronegócio. A busca dessa modernização deve ter como base as especificidades da atividade agrícola e agroindustrial e modelos utilizados em países desenvolvidos podem ser importantes pontos de partida.

A proposta passa inclusive pela criação de um fórum permanente de debates, que foi uma das sugestões do ex-ministro do Trabalho Almir Pazzianotto durante palestra realizada em Ribeirão Preto, a convite da ABAG/RP. O ex-ministro, que já foi advogado sindical, do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, entre 1970 e 1982, e secretário de Relações do Trabalho do mesmo Estado, gosta de dizer que já esteve dos dois lados do problema e consegue ver com clareza que a questão jurídica trabalhista brasileira se transformou em um empecilho para o desenvolvimento do país.

Segundo ele a CLT, Consolidação das Leis do Trabalho, que era um instrumento para buscar conciliação



Marcos Matos, Almir Pazzianotto e Paulo Rodrigues durante evento na ABAG/RP

se transformou num instrumento de conflito. Prova disso são as crescentes ações trabalhistas, em 2013 cerca de 1500 varas do trabalho deram entrada em quase dois milhões e meio de processos. Processos que aumentam a cada ano, assim como as indenizações. Em 2012 foram pagos cerca de 19 bilhões de reais em ações trabalhistas, em 2013, quase 25 bilhões.

A legislação envelheceu e está ajudando a desindustrializar o Brasil, disse Pazzianotto. Se não há segurança jurídica não há predisposição de investimento: “A blindagem da CLT tem um escudo ideológico, modernizar não é tirar direitos, quem tira direitos é a economia, o trabalhador perde o emprego, recebe o que tem que receber e depois não tem direitos pois não tem trabalho”, completou.

Segundo Pazzianotto a aprovação

da terceirização foi um pequeno passo rumo à modernização, ela é um fenômeno global do qual o Brasil não pode ficar de fora. Uma outra área nevrálgica a ser atacada no plano das reformas é a sindical. Para ele o monopólio da sindicalização é reflexo do atraso nas relações trabalhistas, assim como o conceito de hipossuficiência do trabalhador brasileiro, que sempre está no papel de vulnerabilidade. Outro ponto a refletir é a questão do distrato que no Brasil é um documento sem valor que deveria ter o mesmo valor de um contrato.

Segundo Pazzianotto o Brasil chegou à idade da razão, do amadurecimento e precisa correr para promover a modernização de sua legislação trabalhista ou não vai alçar grandes voos, não vai chegar à posição de país desenvolvido.

PROGRAMA EDUCACIONAL AGRONEGÓCIO NA ESCOLA



15 anos

“Agronegócio na Escola” - 15 anos



Resumo Programa Educacional Agronegócio na Escola 2015

14 mil alunos - 300 professores - 91 escolas de 34 cidades:

Altinópolis, Brodowski, Buritizal, Cândido Rodrigues, Cássia dos Coqueiros, Colina, Colômbia, Cristais Paulista, Descalvado, Dourado, Dumont, Guapiáçu, Guará, Guaraci, Guariba, Guataparã, Ituverava, Jaboticabal, Jardinópolis, Luiz Antônio, Miguelópolis, Monte Alto, Morro Agudo, Motuca, Orlândia, Pradópolis, Ribeirão Corrente, Ribeirão Preto, Santa Cruz da Esperança, Santa Ernestina, São Simão, Sertãozinho, Severínia e Terra Roxa.

Nos quinze anos ininterruptos de atividade do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” quase 165 mil alunos e nove mil professores participaram de suas atividades que se estendem durante todo o ano letivo. Usando metodologia própria a capacitação dos educadores é a prioridade do Programa da ABAG/RP e acontece por meio de palestras e visitas a empresas agroindustriais da região Ribeirão Preto.

Há 15 anos o mais respeitado líder do agronegócio brasileiro, o ex-ministro Roberto Rodrigues, coordenador da GVagro e embaixador da FAO/ONU para o cooperativismo, faz a palestra de abertura do Programa. Ele ajudou a plantar a semente e acompanha ano a ano a colheita dos frutos desse trabalho. Na palestra de 2015 Roberto Rodrigues, apesar de falar sobre o mesmo tema, agronegócio, mais uma vez não se repetiu, falou da responsabilidade em garantir a segurança alimentar para o mundo no médio prazo e fazer isso de forma sustentada e sustentável. Para dar mais subsídios para a discussão sobre sustentabilidade o tema água na agricultura também foi abordado no evento, o palestrante foi Luiz Paulo Heimpel, que cuida de assuntos governamentais da Netafim, empresa israelense precursora da tecnologia de irrigação por gotejamento.

A palestra é parte da capacitação dos professores que é complementada com visitas em empresas, instituições de pesquisa e fazendas da região. Após essas etapas a temática do agronegócio é levada para a sala de aula de forma interdisciplinar, o objetivo é mostrar que campo e cidade não se separam, caminham juntos. A forma como o tema é usado dentro da escola compete exclusivamente a cada professor, a ABAG/RP em nenhum momento influencia o trabalho. O Programa quer mostrar que o agronegócio foi e continua sendo fator determinante do desenvolvimento regional, seja por seu aspecto social, ambiental ou econômico.



Alunos e professores visitam a Agrishow

A ABAG/RP promoveu a décima quinta visita consecutiva dos vencedores do seu concurso de redação à Agrishow. Desde 2001 o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” leva até a mais importante feira de agronegócio do Brasil um aluno de cada escola participante, sempre acompanhado de um professor, a visita é a primeira das atividades práticas do Programa com os estudantes. Neste ano o concurso de redação teve como tema o “Agronegócio e o uso da água”. No dia 30 de abril cerca de 150 pessoas percorreram as ruas da feira em um roteiro montado pela ABAG/RP para revelar os elos das cadeias produtivas do agronegócio, começando pela pesquisa, passando pelos lançamentos de máquinas e equipamentos, chegando até as demonstrações de campo.

Tecnologia e sustentabilidade caminham juntas no agronegócio, foi isso que alunos e professores puderam ver na feira. Perceberam que a adoção de novas tecnologias, seja em máquinas, sistemas, sementes, variedade de

plantas, defensivos químicos, entre outras, significa aumento de produtividade, significa preservação e sustentabilidade, inclusive de água.

Neste ano eles puderam fazer na feira o “Caminho do Boi” que, de forma interativa e didática, colocou os visitantes no trajeto realizado pelo boi de corte desde a fazenda até o abate, passando por cada etapa como nutrição, manejo no curral, controle e gestão, sanidade, identificação eletrônica, transporte e frigorífico. Tudo com dados e informações para instigar a reflexão sobre as novidades tecnológicas para a pecuária.

De prático os participantes do “Agronegócio na Escola” puderam ver também uma micro bacia e como a preservação dos recursos naturais acontece não somente pelo plantio e manutenção de árvores, mas com uma tecnologia hoje considerada muito simples, o plantio em curva de nível que preserva o solo e, portanto, as margens dos rios e suas águas.

A agricultura de precisão foi outra tecno-

logia que os estudantes e professores puderam entender um pouco melhor. No Polo da CooperCitrus dentro da feira, uma apresentação rápida e demonstrações com máquinas em campo mostravam todo o sistema de manejo integrado de informações e tecnologias que evitam o desperdício e aumentam a produtividade nas lavouras. Viram de perto que o plantio programado previamente impede a sobreposição de sementes e racionaliza a aplicação de defensivos e nutrientes. O que quase nenhum deles sabia é que é possível fazer a análise completa de uma área mostrando as necessidades do solo com precisão de centímetros, indicando na tela claramente os pontos deficientes nas lavouras.

Para a geração que tem a tecnologia na ponta dos dedos, enxergar a agricultura sob um ponto de vista diferente desperta mais do que interesse, ajuda que os jovens percebam que este é um setor moderno que demanda pessoas preparadas e onde existem grandes oportunidades de inserção profissional.



Gestão da água é prioridade para o futuro

ABAG/RP passar a integrar o Conselho Nacional de Recursos Hídricos

Neste ano a eleição do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), que aconteceu na primeira semana de maio, foi das mais concorridas, afinal a falta da água que era tida como uma questão pontual em algumas áreas do Brasil chegou às regiões mais populosas e acendeu o “alerta” em diversos setores. A ABAG/RP, que desde 2001 participa de Comitês de Bacia no Estado de São Paulo, hoje tem representação em dez, passa a partir de 2015 a integrar, como suplente da FIESP, uma das 57 vagas do Conselho que tem 12 representantes de usuários, seis de organizações civis, com seus respectivos suplentes.

Segundo o diretor da ABAG/RP, Marcos Matos, essa participação é a coroação de um trabalho de 15 anos da Associação na discussão do uso e gestão das águas, pois valoriza os Comitês Regionais de Bacia, que são os gestores mais próximos desse recurso.

O CNRH é a instância maior do Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos no Brasil. Composto por representantes de Ministérios e Secretarias Especiais da Presidência da República, Conselhos Estaduais de Recursos Hídricos, usuários de recursos hídricos e por representantes de organizações civis, é presidido pela Ministra do Meio Ambiente.

Água é segurança alimentar

O relatório da Organização para a Alimentação e Agricultura da ONU (FAO): “Rumo a um futuro seguro com água e comida”, lançado no Fórum Mundial da Água, no início de maio, pediu que as políticas governamentais e investimentos públicos e privados assegurem que o cultivo de alimentos, a pecuária e a pesca sejam feitos de forma sustentável a fim de garantir a proteção dos recursos hídricos. Segundo a ONU será necessário um esforço mundial para gerenciar o abastecimento de água no mundo, cuja demanda em 2050 deve crescer 55%, sem isso, disse a organização no documento, será quase impossível garantir a segurança alimentar dos países em desenvolvimento.



Na sede do DAEE, Departamento de Águas e Energia Elétrica de São Paulo a ABAG/RP reuniu diversos setores da sociedade para discutir o uso da água no campo

Debate - “Agronegócio e o uso da água”

Para aprofundar as discussões na gestão da água ABAG/RP promoveu em Ribeirão Preto um evento voltado para todos os setores e convidou três especialistas com atuações diversas no “universo” da água: Samuel Barreto, Gerente Nacional de Água da ONG TNC - The Nature Conservancy, a maior organização de conservação ambiental do mundo; Marcus Tessler, especialista em tecnologia de irrigação; e Eduardo Castanho, pesquisador do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura de São Paulo.

Sempre alardeados os números mundiais de uso da água pela agricultura deram ao setor a marca de “vilão” da crise hídrica, porém no evento os três convidados mostraram que a agricultura tanto pode produzir água como racionalizar ainda mais seu uso. Segundo Samuel Barreto, da TNC, a água tem que ser enxergada como um capital natural, um fator de agregação de valor e ser entendida em um contexto maior, o de cadeia produtiva que assume o risco do uso dessa água: risco físico (falta mesmo), risco reputacional (uso equivo-

cado) e risco regulatório (falta de gestão).

Segundo Castanho, do IEA, a conta que mede o uso da água para produzir alimentos pode ser feita de diversas maneiras e mostrar números discrepantes. “Não se pode confundir consumo de água pela irrigação com necessidades de água nas atividades agropecuárias e florestais, a agricultura é produtora de água, e ainda há espaço para ganhos na sua conservação com a racionalização do consumo por meio da adoção de técnicas apropriadas”.

Ele lembrou que o meio urbano é incapaz de prover suas próprias necessidades hídricas e que a agricultura bem manejada, intercepta mais água, eleva as taxas de infiltração e de evaporação, e ajuda a manter as reservas subterrâneas. Entre as técnicas de manejo no campo que podem preservar a água está a irrigação por gotejamento. O diretor da Netafim, Marcus Tessler, lembrou que a demanda por alimentos cresce enquanto as áreas tendem a se estabilizar, por isso o ganho de produtividade depende de tecnologias, o gotejamento inclusive.